

VOZES NA RUA: VIVÊNCIAS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA E SEUS ATRAVESSAMENTOS

STREET VOICES: HOMELESS WOMEN EXPERIENCES AND THEIR CROSSINGS

Caroline Schaeffer Aliprande¹

Andréa Campos Romanholi²

RESUMO: Esta pesquisa apresenta e discute as vivências de mulheres em situação de rua e seus atravessamentos. Os objetivos foram compreender como se caracterizam suas experiências nas ruas e sua percepção sobre o viver em situação de rua, analisar a relação estabelecida com as políticas públicas, identificar as estratégias adotadas para lidar com a situação da vivência nas ruas e dar espaço para o relato de suas experiências, sentimentos, desejos e expectativas. Para tanto, procurou-se acompanhar momentos do cotidiano de mulheres em situação de rua que frequentam o Centro Pop do município de Serra/ES. Uma das ferramentas utilizadas foram entrevistas semiestruturadas, além das trocas cotidianas que se deram nos encontros dentro do Centro Pop ou mesmo fora deste. Alcançou-se uma aproximação das vidas destas mulheres, para além das ruas e dos estereótipos pelos quais a sociedade insiste em vê-las e escutá-las. Como resultados surgiram questões que falam da transformação da vida nas ruas, como se dão as relações, amizades, amores e projetos de vida. Ficou evidente que as mulheres percebem a desigualdade, a violência e os riscos que correm, advindos de uma sociedade desigual, principalmente em relação ao gênero. A trama de motivos da ida para as ruas, o uso de estratégias de autoproteção e a presença de planos de vida e futuro, com ações voltadas para sua conquista foram pontos importantes que mostram a necessidade de práticas de maior aproximação e abertura para a participação ativa dessas mulheres nas ações que pretendem auxiliá-las frente a realidade que enfrentam.

Palavras-Chaves: Mulheres em situação de Rua, Vivências, Desigualdades, Psicologia.

ABSTRACT: *This research present and discusses the experiences of homeless women and their crossings through it. The goal were to comprehend how their experiences on the streets and their perception of living on it are characterized, to analyze the relationship established with public policies, to recognize the strategies adopted to deal with the situation of living on the streets and to provide space for the report of their experiences, feelings, desires and expectations. For this purpose, it was seen up close moments of the daily life of homeless women who attend a place called Centro Pop located in Serra/ES. One of the tools used was semi-structured interviews, in addition to the daily exchanges that took place in meetings inside the Centro Pop or even outside it. An approximation of the lives of these women was achieved, beyond the streets and the stereotypes through which society insists on seeing and putting to them. As a result, questions emerged that speak of the transformation of life on the streets, how relationships, friendships, love and life projects take place. It become evident that these women perceive inequality, violence and the risks they run, arising from an unequal society, especially in terms of gender. The plot of reasons for ending on the streets, the use of self-protection strategies and the presence of life and future plans, with actions aimed at achieving them, were important points to show the need for practices of bigger closeness and openness to active participation of these women in actions that intend to instruct them in the face of the reality they face.*

Key words: Homeless Women, experiences, inequalities, Psychology.

1. INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa nasce a partir do cotidiano, da realidade observada, muitas vezes de longe, e das pequenas tentativas de pensar o que poderia ser feito para sair da posição de apenas

¹ Centro Universitário Salesiano – UniSales (Caroline.Aliprande@souunisales.com.br)

² Centro Universitário Salesiano – UniSales (aromanholi@salesiano.br)

observar. A temática trabalhada neste estudo fala das vivências de mulheres em situação de rua. O interesse em pensar mais sobre este tema surgiu a partir da necessidade de falar, por meio da psicologia, com um público que por vezes passa despercebido e silenciado, não só na atualidade, mas por um processo histórico que envolve exclusões e desigualdades. Além disso, ao entrar em contato com a temática, reafirmou-se o desejo de uma compreensão maior, seja das políticas que atendem às mulheres em situação de rua, seja das situações experienciadas por estas mulheres, a partir delas.

Ao constituir-se, a sociedade é atravessada por inúmeros processos e contextos que influenciam nos modos de se relacionar de cada época. Neste sentido, entende-se que problemas sociais, como desigualdades e exclusões, vêm se moldando a partir de aspectos sócio-históricos. Diante disso, pensar as desigualdades presentes em uma dada sociedade exige uma busca que ultrapassa o contexto atual, ou seja, deve haver um olhar para estes aspectos de constituição social.

Quando fala em exclusão social, Souza (2004), traz a noção de restrições baseadas em interesses de determinado grupo que visam a dominação de outros, fazendo com que não tenham acesso a direitos e ao exercício da cidadania, seja no âmbito político, cultural ou social. Ao observar os caminhos traçados pelas civilizações, pode-se dizer que as exclusões são transpassadas por questões de discriminação e preconceito, baseadas principalmente em classe, raça e gênero, a partir das quais se marginalizam populações inteiras, ampliando as desigualdades e silenciando sua existência. Além disso, para Sawaia (2014) este movimento se dá em uma lógica dialética, na qual exclusão e inclusão se articulam a fim de manter a ordem desigual na sociedade, pois sujeitos já estão inseridos, mas de forma perversa, o que contribui com a marginalização e com as relações de dominação.

Dentre as populações que passam por processo de exclusão, tem-se a população em situação de rua, que vive às margens de uma sociedade de interesses e pautada na lógica da meritocracia. Para Esmeraldo e Ximenes (2022), considerar fatores econômicos e sociais é entender que a responsabilidade por se estar em situação de rua não é individual, mas está atrelada aos trajetos que levaram a essas condições, e que sair dela não se trata apenas de uma escolha pessoal.

A vivência nas ruas expõe vidas ao espaço público, que mesmo assim ignora ou mascara sua existência, desde a negligência no acesso às políticas públicas, até o olhar estigmatizante. Este olhar, muitas vezes, reduz as pessoas em situação de rua às condições de drogadição e marginalidade, negando as singularidades e potencialidades dos sujeitos (ESMERALDO; XIMENES, 2022).

A Política Nacional para a População em Situação de Rua (BRASIL, 2009) define esta população como um grupo que possui características em comum como pobreza extrema, fragilidade ou rompimento de vínculos e ausência de moradia tradicional, que utilizam espaços públicos como moradias ou acessam dispositivos de acolhimento, podendo ser esta uma situação permanente ou temporária. Além disso, aponta a diversidade de fatores que envolvem a situação de rua, seja pelas diferentes razões que levaram a população que se encontra vivendo nas ruas, seja pelas diferentes formas de enfrentamento desta realidade por cada pessoa que a vivencia (BRASIL, 2011).

Em relação aos dados e estudos populacionais direcionados à população em situação de rua, existem lacunas na produção de tais informações, pelo fato, por exemplo, de que o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) não inclui esta população no Censo, além de

não realizar uma contagem oficial desta população em nível nacional (NATALINO, 2020). Foram encontrados dados da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, realizada em 2009, pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDS), em 71 cidades, que identificou cerca de 31.922 pessoas adultas vivendo em situação de rua, sendo maioria homens (82%) e com 67% da amostra se declarando negra ou parda. Além disso, como principais motivos para estarem em situação de rua esta pesquisa encontrou como resultados o alcoolismo/uso de drogas, seguidos de desemprego e conflitos familiares (BRASIL, 2011).

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), realizou um estudo, publicado em 2016, que teve como resultado a estimativa de que havia 101.854 pessoas vivendo em situação de rua naquele ano, tendo maior concentração nas cidades maiores (NATALINO, 2016). A metodologia deste estudo foi aperfeiçoada em 2020, permitindo levantar a evolução da população de rua estimada de 2012 a 2020. Neste período a estimativa total de população de rua no Brasil em março de 2020 foi de 221.869 pessoas, observando-se crescimento de 140% desta população em todo o país desde 2012. O crescimento “mais intenso nos grandes municípios sugere que a crise econômica e em particular o aumento do desemprego e da pobreza sejam fatores importantes para a explicação do ocorrido” (NATALINO, 2020, p. 12). Não há, ainda, estudo específico de possíveis efeitos da pandemia, porém, o documento informa que foi observada aceleração recente no crescimento desta população.

De acordo com os dados da última pesquisa completa, de 2011, nota-se que as mulheres estão em menor quantidade dentre a população em situação de rua, representando cerca de 18% (BRASIL, 2011). Junto a isso, deve-se levar em conta os processos históricos vivenciados por mulheres, os quais expressam as desigualdades de gênero e as relações de poder que ainda permanecem na sociedade (SANCHOTENE; ANTONI; MUNHÓS, 2019). Constituir-se mulher em uma sociedade sexista carrega consigo inúmeros preconceitos e riscos, sendo esses aspectos intensificados ao estar em situação de rua (PEREIRA; MAGALHÃES; LOPES, 2021; RIBEIRO; MARCOLAN, 2020). Jorge e Ricci (2020, p. 84), com relação aos principais motivos que levam as mulheres às ruas, apontam que estão as “[...] rupturas em relação a situações de abuso sexual, violência doméstica e negligência”.

Frente às características específicas de mulheres em situação de rua, elaborou-se o seguinte problema de pesquisa: Como se caracteriza a experiência vivenciada por mulheres em situação de rua? A partir dessa questão, o objetivo geral deste estudo foi compreender como se caracteriza a experiência vivenciada por mulheres em situação de rua. E como objetivos específicos, analisar os aspectos psicossociais envolvidos em seu cotidiano, compreender sua percepção sobre o viver em situação de rua, analisar a relação estabelecida com as políticas públicas, identificar as estratégias adotadas para lidar com a situação da vivência nas ruas e dar espaço para o relato de suas experiências, sentimentos, desejos e expectativas.

A relevância social desta pesquisa, se dá por haver necessidade de tornar o tema mais visível, visto que este público ainda enfrenta diversas lutas em suas (sobre)vivências na rua. Esta visibilidade contribui com a quebra de estigmas e preconceitos direcionados à população em situação de rua em geral, rompendo com a responsabilização individual e levando esta temática para um debate ampliado. No mais, trata-se de uma esfera onde deve existir maior investimento em políticas públicas e intervenções que atendam à população pesquisada. Aliado a isso, a pesquisa amplifica a voz das pessoas que vivem nas ruas, chamando atenção para a garantia de direitos das mulheres nesta situação.

A relevância científica passa pela noção de que este projeto possa ser base para intervenções e futuras pesquisas de temáticas relacionadas, tendo como aspecto importante a busca pelas potencialidades dos sujeitos envolvidos como construtoras de sua própria história. Além disso, se torna ainda mais relevante pelo fato de que, de acordo com Sanchotene, Antoni e Munhós (2016) há escassez nas produções que buscam conhecer a realidade de mulheres em situação de rua.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Ao abordar os aspectos sócio-históricos que contornam as problemáticas na sociedade contemporânea, é possível perceber como diversos caminhos de desigualdades foram traçados e, em grande parte, planejados para sustentar um sistema de dominação. A partir disso, ao evidenciar as vivências de mulheres em situação de rua, existe um aglomerado de agravantes sociais para serem compreendidos, tendo em vista a inserção em uma sociedade patriarcal, com questões de gênero demarcadas neste ciclo de desigualdade, assim como as questões relacionadas à população em situação de rua.

Pessoas que vivem em situação de rua estão presentes em todo o mundo, e em cada contexto, seja cultural, histórico ou social, existem maneiras distintas nos modos pelos quais são vistas, principalmente por parte do poder governamental. As condições de sobrevivência desta população são atravessadas por diversas formas de vulnerabilidades, vivenciando situação de extrema pobreza, escassez na garantia de direitos básicos tais como alimentação e moradia, assim como as dificuldades no acesso às políticas públicas de modo geral, que poderiam contribuir na retomada destes direitos (CRP-MG, 2015).

Neste sentido, analisando este fenômeno social a partir da esfera sócio-histórica, sua existência se relaciona com a maneira de construção dos centros urbanos, desde as bases de invasões e explorações dos territórios, até o próprio movimento de marginalização nas cidades. Desta forma, apesar da população em situação de rua ser um grupo diverso e constituída de características singulares, a pobreza e a fragilidade dos laços familiares e comunitários, são aspectos comuns entre os sujeitos, além de que, a Política Nacional para a População em Situação de Rua, destaca imigrantes, desempregados e egressos dos sistemas penitenciários e psiquiátricos, como grupos que compõem esta população, os quais se assemelham nas próprias condições históricas de desigualdades (ROCHA; OLIVEIRA, 2020).

Sendo assim, pensando nos processos de exclusão desde o início das formações sociais, principalmente em se tratando da formação do Estado Brasileiro, identifica-se uma relação de colonizador e colonizado, seguida de um processo de escravidão, que aniquilou as condições humanas, principalmente de negros e indígenas, em prol do enriquecimento e sustentação desta dominação (SPOSATI apud CRP-MG, 2015).

Ainda sobre os aspectos históricos, em relação à marginalização de determinadas populações, existem também influências de fenômenos como o êxodo rural, principalmente durante o processo de industrialização, com o movimento de pessoas em busca de trabalho e melhores condições de vida, que ocupavam os centros urbanos, porém grande parte obteve como

resultado o desencontro com esses objetivos. Como consequência, o aumento da urbanização, somado às explorações neste percurso histórico, escancarou tais realidades e, como ação principal, os poderes atuaram de forma a retirar a pobreza e a desigualdade da visão dos grandes centros urbanos e transferir para as periferias, o que ainda reflete nas ações diante da população em situação de rua, com relação a qual há uma preocupação maior na busca por mascarar esta problemática, retirando de locais ou impedindo sua permanência, que a estabelecer ações que de fato contribuam com as melhores condições de vida destes cidadãos (AEIXE; BURSZTYN apud CRP-MG, 2015).

2.1.1 Exclusão Social como silenciamento da população em situação de rua

De acordo com os processos de constituição da população em situação de rua, pode-se perceber condições rigorosas de exclusão impostas pelas sociedades, as quais demarcam de forma visível as desigualdades e vulnerabilidades, firmados como inerentes à vida deste grupo social. Para Sawaia (2014), há uma relação dialética entre exclusão e inclusão, visto que a sociedade produz a necessidade de incluir a partir das exclusões geradas dentro dessa relação, que acompanham as dimensões políticas, relacionais e subjetivas. Segundo o autor, a exclusão corrobora com a manutenção da ordem social, estabelecendo um vínculo com o excluído, mantendo-o nesta mesma posição. Outrossim, Souza (2004), em suas elaborações a respeito do conceito de exclusão, destaca o caráter de privação e afastamento, seja de bens materiais ou da própria liberdade, baseadas muitas vezes em práticas culturais que violam a cidadania, paralelas aos processos de violência. Ademais, trata-se também de um sufocamento de culturas e identidades que são submetidas à naturalização dos aspectos de violência e de exclusão.

Dentre as discussões relacionadas à exclusão social das pessoas em situação de rua, muito se pontua a respeito de uma suposta invisibilidade. No entanto, Rodrigues, Delgado e Valle (2019), disparam um debate acerca deste, que consideram conceito inadequado, que se aplicaria a essas pessoas. Em sua discussão, os autores dizem que, na maior parte dos estudos que discutem sobre a invisibilidade, esta é correlacionada ao preconceito e ao estigma direcionado à população em situação de rua. O equívoco estaria no fato de que preconceito e estigma são visões pejorativas e não o inverso de visibilidade, visto que se houvesse uma invisibilidade não faria sentido haver incômodo e a intolerância no convívio social. Diante disso, Rodrigues, Delgado e Valle (2019, p. 117) afirmam que

[...] o olho às vezes pisca, quando não fecha intencionalmente, isto é, há uma seletiva visibilidade: se por um lado existe ultravisibilidade dos órgãos de controle social e penal, repressão, estigma, punição em relação aos cidadãos em situação de rua, por outro, estes mesmos indivíduos são ignorados em suas precariedades sociais.

Sendo assim, é importante identificar os aspectos do sofrimento causado pela exclusão, pois mostra quem são estes sujeitos, como uma forma de resgate de sua identidade, sem uma responsabilização individual, mas chamando atenção para esse sofrimento que surge nas estruturas sociais, indicando a necessidade da responsabilidade por parte do Estado. Contudo, é preciso superar a ideia de que apenas a sobrevivência basta, mas atentar-se também ao desejo, à temporalidade e a afetividade, ao mesmo tempo que se cuidam das garantias de direitos (SAWAIA, 2014)

Portanto, as negligências e exclusões não falam de uma invisibilidade, mas sim de um silenciamento e de uma naturalização em relação ao sofrimento dos cidadãos em situação de

rua, trazido por Rodrigues, Delgado e Valle (2019, p.119) como “[...] a apatia do olhar, que vê, mas não se altera, comove ou abala; enquanto a invisibilidade é um predicado do objeto que o torna inacessível ou imune à visão”.

2.2 O COTIDIANO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA

As mulheres em situação de rua estão em menor número em comparação a porcentagem ocupada por homens, representando cerca de 18% desta população na Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, realizada em 2009 (BRASIL, 2011). As questões de gênero surgem de maneira evidente diante da vivência nas ruas, pois se trata de um ambiente extremamente masculinizado, um reflexo de toda uma sociedade pautada na visão patriarcal, o que dificulta ainda mais a vida de mulheres em situação de rua (QUIROGA; NOVO apud SANCHOTENE; ANTONI; MUNHÓS, 2019).

O estigma relacionado ao papel da mulher foi alimentado por este modelo de sociedade, que relacionava a mulher apenas à ideia de maternagem e vida doméstica, havendo grande submissão à masculinidade, enquanto esta última depositava um olhar de dominação e opressão das potencialidades femininas. Contudo, quando eram ultrapassadas estas limitações, havia um rebaixamento da visão social sobre estas mulheres, sendo consideradas como imorais frente às expectativas da sociedade patriarcal, estigmas que não permanecem apenas no passado, mas se inserem na dinâmica atual, o que leva a uma luta constante de mulheres para o alcance da equidade de gênero (SANCHOTENE; ANTONI; MUNHÓS, 2019).

Nesta luta por equidade, o surgimento dos movimentos sociais, como o feminista, impulsionou diversas conquistas às mulheres. O feminismo, de acordo com Hooks (2020), é um movimento que visa o fim do sexismo, levando em conta os grandes prejuízos gerados pela opressão e dominação, tendo em vista a crença social que reforça tais comportamentos. No entanto, para Sarmiento (2018), o feminismo por vezes não se direciona às mulheres em situação de rua, apesar dessa constante luta pelos direitos das mulheres. Assim, há um alerta para o fato de que este movimento, enquanto braço que sustenta inúmeras conquistas, deve estar atendo para um alcance de modo igualitário dessas lutas, retomando os debates sobre classe e raça que foram base para sua construção (HOOKS, 2020).

Além disso, as mulheres em situação de rua ainda enfrentam modos de tratamento desumanos por parte do Estado, seja em relação à maternidade, na qual é comum a retirada de seus filhos, e até mesmo intervenções que não levam em conta a dinâmica de vida destas mulheres nas ruas como, por exemplo, na orientação para que se afaste de seus companheiros, por motivos diversos que podem incluir a violência na relação, porém sem considerar que, mesmo com problemas, existe um vínculo de proteção nesta relação, visto que as mulheres estão em exposição constante à situações de violências e violações nas ruas (SARMENTO, 2018).

Um estudo realizado por Ribeiro e Marcolan (2020) com mulheres em situação de rua, demonstrou, por meio do relato das participantes, as condições de vulnerabilidades vivenciadas por essas mulheres, como extremas situações de exclusão, pobreza, violências, além das condições básicas de saúde e higiene, o que tornam ainda mais notáveis as demandas em relação ao sofrimento psíquico. Foi relatado também, sentimentos de medo, miséria, abandono e impotência ocasionados pelo cotidiano nas ruas, tendo influência direta com o desgaste para uma reinserção social. Estas mulheres, vivenciam diversas situações de isolamento, sejam por tantos riscos a que são expostas, como também aos preconceitos sofridos pela família, muitas

vezes com vínculos fragilizados ou rompidos, e vindo da sociedade no geral e também de profissionais que deveriam assisti-las.

Outrossim, muitas destas mulheres têm como parte de sua história anterior à situação de rua, casos de discriminação ou violência o que, somado aos conflitos na relação, abusos e negligências, aparecem como principais causas de sua chegada às ruas. Ou seja, estas mulheres ocupam também os espaços nas ruas, carregadas de uma significação de si e das relações anteriores, vinculando as experiências vividas com as condições atuais, muitas vezes sem conseguir identificar suportes além dos dispositivos do território, pois já passaram por processos de rompimentos dos laços (JORGE; RICCI, 2020).

Outro aspecto que demarca a organização da vida destas mulheres é em relação à necessidade de respostas imediatas, tendo em vista o desgaste na busca pela sobrevivência, colocando-as em muitos casos em relacionamentos abusivos. Além disso, a busca pela sobrevivência vai de encontrar formas de se alimentar, cuidar de terceiros, se proteger e fazer uso de SPA (Substâncias Psicoativas), estas últimas utilizadas como mecanismo de defesa diante das condições de ausências, tanto afetiva quanto estrutural e financeira, mas também como forma de manter as relações necessárias (JORGE; RICCI, 2020).

É indispensável que haja esta compreensão dos aspectos que atravessam o cotidiano destas mulheres, porém, sem deixar escapar a vida que se produz para além dos estigmas e da condição de “apenas sobreviver”. Assim, ampliar esta visão se encontra também com o sentido da arte de viver nas ruas, sob um “um olhar que vê não somente o sofrimento[...], mas também amores, amizades, risos [...]” (FÉLIX-SILVA; SALES; SOARES, 2016, p.54).

2.3 ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA JUNTO A PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

O fortalecimento das políticas públicas e dispositivos de atenção à população em situação de rua é de extrema importância, tendo em vista os inúmeros desafios enfrentados, além de ser uma das principais formas de garantia de direitos, possibilitando este acesso aos cidadãos. O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) é, hoje, o responsável pela oferta de uma rede de serviços destinados a cumprir esta função e, com este fim, organiza-se em serviços voltados a atender à população em situação de rua, entre outras populações necessitadas, em suas diferentes necessidades, com vistas à atenção integral que só se dará, de fato, em sua atuação articulada a outras políticas públicas, pela via da intersetorialidade.

O Centro de Referência Especializado de Assistência Social para a População em Situação de Rua (Centro POP) é um dos serviços do SUAS voltados a esta população. Como proteção social especial de média complexidade, oferece atendimento a essa população adulta em geral, sendo caracterizado por um espaço de referência onde os sujeitos têm acesso à alimentação, à higiene pessoal, atividades em geral e orientações da equipe. O objetivo é fortalecer seus vínculos com a equipe, para que seja possível fazer os encaminhamentos a outros serviços necessários que têm como fim a superação da situação de rua, a contribuição com a melhoria da qualidade de vida, o reconhecimento de si como sujeito que possui direitos e deveres e o acompanhamento do usuário a partir de suas demandas. O fim dessas ações é promover vivências que proporcionem ao seu público autonomia, organização, mobilização e a participação social (CRP-MG, 2015). Já o Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS), possui o objetivo de garantir o trabalho social e a identificação de questões sociais como o trabalho infantil, exploração sexual de crianças e adolescentes, pessoas em situação de rua, dentre outras.

No mais, objetiva a resolução das necessidades emergentes e a promover a inclusão em redes de serviços socioassistenciais e a políticas públicas de garantias de direitos (CRP-MG, 2015).

Por fim, ainda no SUAS, tem-se os Serviços de Acolhimento Institucional (Abrigos Institucionais e Casas de Passagem) e Serviços de Acolhimento em República, que contemplam a proteção social de alta complexidade. Estes, por sua vez, oferecem proteção integral a partir da oferta de condições de estadia, convívio, endereço de referência, acolhendo a privacidade do seu usuário, assim como seus familiares e indivíduos vulneráveis socialmente (CRP-MG, 2015).

Da parte da saúde, o Sistema Único de Saúde (SUS), também tem o compromisso ético de oferecer atenção integral à saúde a toda a população brasileira, sem qualquer tipo de discriminação e, ainda, garantindo a equidade na atenção, ou seja, garantindo prioridade àqueles que mais precisarem do cuidado (BRASIL, 1990). A partir deste compromisso, todos os serviços da saúde devem manter total acessibilidade para as pessoas em situação de rua, tal como para qualquer outra pessoa. Porém, reconhecendo o histórico de discriminação e de preconceitos que também se faz presente nos serviços e nos profissionais, também marcados pela construção social excludente e também geralmente provenientes de classes sociais mais elevadas, com realidade de vida muito diferentes desta população, o SUS tem desenvolvido ações e serviços específicos para efetivamente garantir a atenção em saúde para a população em situação de rua (BRASIL, 2014a).

Como serviço específico, o Consultório de Rua se caracteriza por atendimentos no território, tendo como objetivo alcançar este público que, por inúmeros motivos, tende a se manter distante das redes de serviços de saúde e intersetorial. Nele, são oferecidos cuidados em saúde, bem como proporciona-se acessibilidade a outros serviços, a assistência integral e a promoção de laços sociais. O seu diferencial é o respeito ao contexto sociocultural da população, concretizado pelos cuidados no próprio espaço de rua (CRP-MG, 2015).

Para além do SUAS e do SUS, há ações importantes e essenciais dirigidas à população em situação de rua provenientes de outras áreas como a educação, a cidadania e direitos humanos, e áreas de trabalho e geração de renda, porém foram mesmo a assistência e a saúde as que mais avançaram na construção de ações e na rede específica para esta população, abrindo, inclusive, espaço para a atuação de psicólogos junto a este público.

Sendo assim, entre os impactos sociais esperados em relação aos serviços que atuam com a população em situação de rua está a redução das violações de direitos, bem como a proteção social tanto as famílias quanto aos indivíduos, havendo também a redução dos danos acarretados pelas violações de direitos, e no mais, por meio deste suporte à autonomia dos usuários, possibilitar a construção de novos projetos de vida (BRASIL, 2011).

A atuação da Psicologia nos dispositivos e equipamentos da assistência social e da saúde, principalmente, se dá por meio da articulação das políticas sociais, que têm por objetivo a emancipação do sujeito e a garantia de direitos. Na atuação com pessoas em situação de rua, é necessário um olhar de aproximação dessa população que ali manifesta sua forma de existir dentro da coletividade, bem como um olhar humanizado para tantas questões urgentes. Para fins de reparo, a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPR) de 2009, busca estabelecer uma comunicação entre setores das políticas públicas no atendimento a essa população específica. Com isso, surgiram serviços, equipamentos, como os citados acima, e

espaço para a atuação do psicólogo nessa área social (CRP-MG, 2015). As equipes destes serviços contam com psicólogos e esta área de atuação, com esta população específica, tem sido espaço de trabalho de muitos profissionais da psicologia. E, de acordo com Santiago et al. (2022), a atuação da psicologia nos serviços voltados especificamente para a população em situação de rua tem mostrado haver necessidade de se ampliar a compreensão do papel dos psicólogos nesta área, pois ainda há dificuldades e falta de clareza de qual deve ser o âmbito de sua atuação. Estes autores apontam que há compreensão da importância da Psicologia estar inserida no contexto da Assistência Social, especialmente em função do compromisso social da profissão com a emancipação dos sujeitos, porém, "as ações e contribuições específicas a PSR ainda são imprecisas. Existe apenas um entendimento dos objetivos e o que precisa ser feito em relação a esse grupo, pois são pautadas na compreensão do compromisso social da profissão. Mas, quando se fala de práticas direcionadas a esse grupo, a representatividade da psicologia não consegue ser aplicada devido às dificuldades apresentadas" (SANTIAGO et al., 2022, p. 233).

3. METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO

A pesquisa em questão adotou abordagem qualitativa, que de acordo com Gil (2002), leva em consideração diversos fatores que atravessam a temática estudada, possibilitando maiores reflexões fundamentais em relação aos aspectos relevantes apresentados. Para Triviños (1987), a pesquisa qualitativa não segue uma linha imutável de etapas, mas parte de um tema e vai se desenvolvendo, podendo ser rearticulada de acordo com as necessidades de aprofundamento neste processo. Para isso é necessário que haja um movimento, por parte do pesquisador, a fim de que esteja preparado para novas perspectivas no decorrer da pesquisa.

Desde o início esta pesquisa buscou uma aproximação com as vivências de mulheres que vivem em situação de rua, não para descrever ou explicar este fenômeno, mas para tentar ouvir a experiência a partir da voz de quem efetivamente a vive. Nesse sentido esta pesquisa, adentrou-se no método cartográfico, tendo em vista seu caráter mais dinâmico de acompanhar processos. De acordo com Barros e Kastrup (2009, p.57), o objetivo da cartografia é “desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente”. Embora com pouca experiência neste método, a fala de Passos, Kastrup e Escóssia (2009, p.8) quando afirmam que “Pesquisas quantitativas e qualitativas podem constituir práticas cartográficas, desde que se proponham ao acompanhamento de processos” trouxe a convicção de ser este o método a ser adotado nesta pesquisa.

Tal como no relato de Weber, Grisci e Paulon (2012, 854), como efeito da recente aproximação com o método cartográfico, o presente “processo de pesquisa ainda apresenta um caráter de ‘pesquisador-pesquisado’, no qual as propostas dependem de quem está pesquisando”, o que fica claro nas opções metodológicas ainda pautadas em formato de algo tradicional. Contudo, espera-se que no que concerne ao encontro com as mulheres que participaram da pesquisa esta distância tenha sido superada.

3.2 PARTICIPANTES

As participantes desta pesquisa foram cinco mulheres em situação de rua que frequentam o Centro pop, chegando até elas por acessibilidade (GIL, 2008), aproximando-se do seu cotidiano e trabalhando com as que se aproximaram mais desse contato e se abriram aos encontros e conversas. Foram definidos, de todo modo, alguns critérios de inclusão na pesquisa, como ser necessário se autodeclarar mulher e estar em situação de rua há pelo menos seis meses, pois considera-se um tempo importante para observar as influências de viver em tal situação. Não foram definidos outros critérios como uma faixa etária específica, por exemplo, pois entende-se que, independentemente da idade, existem experiências a serem escutadas.

3.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTO DE PESQUISA

Os encontros com as participantes da pesquisa tiveram como ponto de partida o Centro Pop (Centro de Referência para população em situação de rua) do município de Serra no estado do Espírito Santo. Este local se trata de um equipamento de acolhimento à população em situação de rua no período diurno e conta com a presença de psicólogos, assistentes sociais, educadores sociais, entre outros profissionais, que têm como objetivo atuar como suporte na superação da situação de rua. O público atendido é de homens e mulheres, sendo as mulheres em menor quantidade. Em relação ao espaço e as atividades que o compõem, há uma área ampla de convivência, na qual as mulheres, que são o público deste estudo, circulam, tendo acesso a atendimentos psicossociais, movimentos de grupos, alimentação, área para higiene pessoal e oficinas.

Vivenciar a pesquisa neste espaço, baseando-se no método cartográfico, possibilitou pensar os encontros, seja em conversas individuais, nas oportunidades do contato com o coletivo, com os profissionais que fazem parte da rotina destas mulheres, e demais possibilidades de contato que surgiram, como momentos de construção do saber. Para a elaboração do presente texto da pesquisa, o foco se deu nos encontros individuais, que permitiram ouvir relatos e narrativas singulares a partir do roteiro com questões disparadoras.

Para a produção de dados, foi construído um roteiro de entrevista semiestruturada, com perguntas abertas que tiveram função disparadora das discussões dos temas propostos. A flexibilidade proporcionada pela entrevista semiestruturada dá abertura para acolher as percepções do entrevistado (TRIVIÑOS, 1987), permitindo manter a característica de encontros com as participantes, entendendo que existem pontos importantes a serem ouvidos, mas que o espaço é para que as mulheres possam trazer suas perspectivas em relação a suas vivências nas ruas.

Com a permissão de cada uma das mulheres ouvidas, para o registro dos encontros individuais, realizou-se a gravação das conversas e posterior transcrição. No mais, estar neste campo como pesquisadora também atravessou os olhares sobre a pesquisa em si, pois o pesquisador passa a compor o cenário e produz junto aos sujeitos que falam de suas vivências.

3.4 ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE

A incursão pelo método cartográfico na trajetória desta pesquisa, proporciona um olhar para a processualidade que é construída no cotidiano e que está presente em todos os momentos, seja

na produção de dados, na análise, nas discussões e nos encontros como um todo (BARROS; KASTRUP, 2009). Cartografar é acompanhar os movimentos e devires da existência, e se aproximar da composição das paisagens psicossociais e dos processos de subjetivação (FÉLIX-SILVA; SALES; SOARES, 2016).

Seguindo a discussão feita por Alvarez e Passos (2009, p. 148) tem-se que pesquisar no método cartográfico é acompanhar processos, para o que é necessário habitar um território novo, o que “permite compreender que o fenômeno estudado é um mundo amplo e diversificado”, havendo efeitos também no pesquisador que irá aprender e se transformar a partir deste novo território habitado. Não se trata, então, ao fim de uma pesquisa, de apenas organizar, analisar e expor resultados, mas, mais que isso, trata-se de compartilhar algo desse percurso e desse aprendizado. Os autores afirmam que “A investigação é cuidado ou cultivo de um território existencial no qual o pesquisador e o pesquisado se encontram” (ALVAREZ E PASSOS, 2009, p.144) e serão momentos destes encontros o que será compartilhado como “resultado” desta pesquisa, articulando o que foi ouvido com outras produções e leituras que permitam refletir sobre o que foi ouvido e aprendido.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

No que diz respeito aos aspectos éticos, as condutas deste estudo se pautaram na Resolução 466, de 2012 e na Resolução 510, de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Tais resoluções dispõem sobre determinações éticas em pesquisas científicas envolvendo seres humanos. Entre outros pontos, tratam da garantia de anonimato e de sigilo dos dados, bem como asseguram o direito de conhecimento dos procedimentos a serem realizados e de desistência a qualquer momento. Todos estes pontos foram registrados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi entregue, lido e assinado por todas as participantes. No mais, a pesquisa também tomou em consideração os preceitos do Código de Ética profissional da Psicologia, com ênfase nos artigos 9º e 16º, que orientam a respeito das pesquisas e demais práticas deste campo teórico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 DE QUEM SÃO ESSAS VOZES?

Ao longo dos processos muitas mulheres foram observadas enquanto sujeitos que compõem os espaços percorridos nesta pesquisa, partindo da perspectiva de um dos serviços de referência para a população em situação de rua, o Centro Pop. Dentre estas mulheres, cinco delas foram convidadas para uma conversa mais próxima, como uma entrevista semiestruturada, que pudesse ser base para as discussões aqui apresentadas. No decorrer deste texto, serão chamadas por nomes fictícios, que são nomes de espécies de flores, pensando em suas vivências como algo que passa por um processo, e que estão em contato com o solo por meio de suas raízes, que se espalham e criam conexões, além de exalar belezas variadas e singulares. Segue uma breve apresentação de cada uma.

Girassol sempre demonstra sua presença e acolhimento dentro do equipamento. É uma mulher trans de 24 anos, que vive em situação de rua há cerca de um ano. Muito espontânea e cheia de autoestima, ama compartilhar os “babados”, e diz que se sentiu uma estrela ao “ser entrevistada”. Hoje está um pouco só, apesar das amigas no espaço. Tem poucos vínculos

familiares, que traz como algo importante em sua vida. Hoje seu contato é com sua mãe, por telefone, pois ela mora na Alemanha. Mas segue enfrentando a vida, e se rearticulando diante dos desafios.

Tulipa, 20 anos de idade, mulher cis, gosta muito de arte e de jogar umas partidas de dominó. A aproximação com ela se deu aos poucos, pois diz que é tímida. Tem um jeito bem jovem de ser, mas com uma história de muitas responsabilidades e desafios desde muito nova. Está há seis anos em situação de rua, e hoje não tem tanto contato com a família, falando raramente, por mensagem, com uma irmã que também não se relaciona tão bem assim. Tem uma filha que fica aos cuidados de uma tia. Estas moram em um município próximo, porém, por algumas questões, Tulipa não pode estar muito tempo neste local, mas sempre que consegue ir, faz vistas à filha, e diz sentir falta dela, mas fica aliviada por estar sendo bem cuidada pela tia.

Azaléa, 40 anos, mulher trans, é ‘a voz da experiência’. Por onde passa é conhecida por todos, vive em situação de rua há cinco anos, e carrega consigo viagens à Europa, que são uma referência registrada quando se fala em Azaléa. Escutá-la é sempre um momento rico, recomendo. Ela também fala de um amor pelas artes no Centro Pop, e de como participar das pinturas e oficinas faz bem em seus processos. Hoje frequenta o Centro Pop e um abrigo noturno, onde recebe visita da irmã e também tem contato com uma tia. Diz estar namorando e com vários planos sendo traçados em sua vida.

Dália, 22 anos, travesti, está há dois anos em situação de rua. Infelizmente passou por algumas perdas durante a pandemia. Dentre as demais, foi a que convivi por menos tempo, mas que, já de cara, mostra a que veio. Sempre bem crítica, questionadora, e com muito a dizer sobre sua realidade. Fala de uma trajetória nos estudos, passando por teatro, iniciação musical, enfermagem, e outras inspirações que têm esperança de retornar. Seu contato familiar é bem raro, e quando acontece é com o “marido da minha mãe que faleceu”, como denominou. Conta que hoje ele já está em uma idade avançada, mas fala com carinho dos cuidados que recebeu durante a vida, principalmente em relação aos estudos.

Hortênsia, 26 anos, mulher trans, está há nove meses em situação de rua. Ela é “a última romântica desse mundo”. Brincadeiras à parte, traz seu relacionamento atual como um grande fortalecedor de suas vivências nas ruas. Também é do time das artes e está sempre envolvida com as atividades de pintura. Hoje está em um abrigo noturno e durante o dia frequenta o Centro Pop. Tem um jeito tímido às vezes, mas, nos encontros, tem muito a conversar.

4.2 (SOBRE)VIVÊNCIAS DAS MULHERES NAS RUAS

Acompanhar os mais diversos movimentos de um campo dinâmico possibilita um olhar para a produção de vida nos espaços. Assim, voltar-se ao que compõe as vivências de mulheres em situação de rua, requer, anterior a isso, escutar o que atravessa este cotidiano e, para além disso, observar os cenários que refletem nos modos de subjetivação que ultrapassam a situação de rua. Sawaia (2014), ao discutir os processos de exclusão, fala de felicidade e emoções, fala dos desejos que transpassam a ideia de sobrevivência e faz com que a discussão se volte para a ideia de humanidade e das relações destes sujeitos com o mundo.

A partir da singularidade apresentada, cada uma expressa visões e vivências distintas ao serem perguntadas sobre como estava suas vidas naquele momento.

Azaléa diz “Tô no abrigo [...] e tô namorando, e tô levando um dia após o outro. Devagar nas drogas, bem devagar”, e Girassol demonstra sua autoestima como forma de lidar com a situação de rua, dizendo “[...] quando eu começo a cantar, eu sinto que, hã... quando eu tô do lado de pessoas e a pessoa dá risada, eu faço uma pessoa bem, mesmo que seja brincando, fazendo brincadeiras, aquilo lá deixa eu bem”. Estas falas mostram que, nos passos das sobrevivências, há muito o que se escutar, como relacionamentos, amizades e relações que compõem os corpos nas ruas (FÉLIX-SILVA; SALES; SOARES, 2016), não cabendo reduzir seu cotidiano apenas ao sofrimento que se tende a incluir naturalmente na definição do ser-mulher em situação de rua.

No entanto, não se pode negar os processos que levaram estas mulheres a viverem nas ruas, o que foi um ponto discutido durante as conversas e convivências de pesquisa. Neste cenário surgiram falas em relação aos conflitos familiares, influência dos usos de substâncias, perdas familiares na pandemia, e isso deve ser entendido dentro das estruturas sociais, saindo da lógica individualizadora e culpabilizante. O sofrimento ético-político gerado pelos processos de exclusão fala de como a vida acontece nos cenários sociais, e de como cada época vai implicar em condições que conduzem a maneira com que essas vidas são produzidas, principalmente quando os sujeitos são colocados na subalternidade das relações (SAWAIA, 2014).

Tulipa, na juventude de seus 20 anos de idade, numa conversa que foi surgindo aos poucos, após uma partida de dominó, fazia alguns desenhos com lápis de cor em um papel ao lado, desenhava seu nome, um coração e linhas que se cruzam com sua história. Ali, de forma direta, falou que o motivo de estar em situação de rua foi “Que minha mãe deixou meu padrasto estuprar minha irmã, aí eu fui, dei uma facada nele, e tive que sair [...], aí eu peguei e saí de casa”. Esta foi uma vivência sua, vivida como adolescente aos 14 anos de idade. Desde então, vem contornando com firmeza os impactos e rompimentos que já viveu nos seis anos que se encontra em situação de rua.

Estes atravessamentos familiares também surgem de outras maneiras, como trazido por Dália ao dizer “Infelizmente em 2020 eu perdi minha mãe adotiva pra Covid e, a partir daí, eu fiquei sozinha, entendeu? E como não tinha registro, não tinha nada, a filha biológica foi e tomou tudo que ela tinha deixado pra mim e eu acabei tendo como única opção a rua”. Pensar essas relações remete a este sofrimento ético-político e como uma pandemia, por exemplo, expõe ainda mais as relações de desigualdade que já estão presentes numa dada sociedade. O aumento da população em situação de rua nos últimos anos demonstra influências também deste contexto, inclusive um crescimento da porcentagem de mulheres em relação aos homens nas ruas, bem como uma maior exposição às vulnerabilidades dos que já se encontravam nas ruas (GAMEIRO, 2021). Natalino (2020), ao apresentar a estimativa de 221.896 pessoas vivendo nas ruas do país em março de 2020, aponta as condições econômicas e sociais e a desigualdade que sempre é ainda mais destacada em períodos críticos como o da pandemia.

Outro atravessamento presente em suas vidas, e sobre o qual falaram, refere-se ao sentido do uso de SPA. Ao conversar com Azaleia, sobre os motivos que a levaram à situação de rua, ela diz: “A droga é uma destruição...o crack é a destruição de qualquer ser humano. [...] Morava com minha mãe. [...] eu saía de casa, ficava três meses na rua e depois aparecia. Quem fica três meses na rua e não aparece um dia dentro de casa, pode ficar na rua direto.” O fluxo da conversa continua e, ao final, ao falar das suas experiências de viagens à Europa, ela traz que “Aproveitei, curti bastante. Fui roubada pela minha família no Brasil. Roubaram tudo [...]. Sete anos mandando 500 euros todo mês”. O que a princípio surgiu como uma destruição pelo uso do

crack encontrou-se com questões que estavam nas entrelinhas deste “motivo que levou à situação de rua” e, completando sua fala, revela que

Aí que eu me afundei na droga. Depois disso que eu me afundei na droga. Sete anos da minha vida jogados fora. Sete anos não é sete dias. Sete anos é muito tempo. [...] Aí, chegar e falar que não tem nada?! Você fez sacrifício pra poder guardar aquele dinheiro e as pessoas tavam brincando com seu dinheiro aqui?! Fazendo churrasco, bebida, farra e eu me matando lá na neve, pegando dez graus abaixo de zero, sofrendo... Aí, quando acaba o dinheiro, a família te trata mal. Vai pra rua, melhor ficar na rua. Aí você começa a se drogar, se drogar, se drogar, e quando você vê, tá no meio da rua já.

Uma outra fala na relação uso de SPA x vivências nas ruas foi a de Hortênsia: “Foi porque eu comecei com cocaína né?! Aí, logo após um cliente meu, cliente que eu fazia programa, era prostituta, aí ele me chamou pra fazer o consumo de crack. Aí foi... começou nós fumando, fumando, fumando... aí, depois fui e acabei viciando...”. Mas, além desta história, Hortênsia traz sua situação atual, em que estar em um relacionamento tem ajudado na diminuição do uso de substâncias. A partir destes relatos foi possível perceber nuances do que o uso de drogas pode representar, se constituindo como uma questão social e que muitas vezes vem como forma de amenizar os sofrimentos causados por esta posição desigual, tanto na sociedade como nos relacionamentos. O uso de SPA também surgiu como um dificultador na superação da situação de rua, quando trazido como “o vício”, porém em outros casos, existem estratégias individuais no uso, como por exemplo usar substâncias menos prejudiciais do que o crack, o que tem contribuído com os impactos do uso.

É importante compreender as singularidades neste processo e até que ponto o uso de substâncias ocasiona, ou não, prejuízos nas relações de cada uma. Sobre isso, Dália diz:

A pessoa ser dependente químico é uma coisa, a pessoa ser morador de rua é outra. a pessoa ser morador de rua e dependente químico é outra totalmente diferente. Então é isso que as pessoas têm que saber diferenciar, entendeu? Porque a pessoa ser morador de rua é a pessoa estar numa situação. A pessoa ser usuário de drogas, fazer uso de SPA, é outra situação. A pessoa tá na rua por ela querer é uma coisa. A pessoa tá na rua por necessidade é totalmente diferente.”

Ainda falando sobre a permanência em situação de rua, fatores financeiros também foram mencionados. Nem todas possuem alguma renda, como por exemplo o Auxílio Brasil, e muitas vezes encontram dificuldades para recebê-lo por questões de documentação ou, nos casos de quem recebe, ainda assim não é suficiente para manter um aluguel e demais custos de uma moradia. Além disso, pensando nos fatores afetivos e relacionais dos sujeitos, Girassol reflete que talvez ainda esteja na rua por estar sozinha, pois a mãe, que é o único contato que mantém através do equipamento, mora na Alemanha: “[...] ter uma pessoa do seu lado, que cuida de você, entendeu? Talvez quando um ajuda o outro fica tudo mais fácil. A solidão faz parte bastante da minha vida. Um ano ficando sozinha [...] um ano não né?! Seis anos sem minha mãe e um ano sem estar com uma pessoa do lado”.

Nos passos diários de uma mulher em situação de rua existem, de fato, muitos encontros. Os movimentos da cidade, carros, pessoas, sons, cenários diferentes, mas, ao mesmo tempo, um sentir-se só em meio aos emaranhados sociais. Girassol traz este sentimento de solidão ocasionado pela situação de rua, ou talvez esteja nas ruas por, em determinado momento, ter estado só. No início da conversa ela diz ter vindo de outro estado e ao chegar nesta nova cidade desconhecida, longe de familiares e dos conhecidos, encontrou muitas dificuldades para se

adaptar. Sentia-se sufocada com a cidade, com os barulhos, os prédios, com conflitos no relacionamento da época. Hoje, ao falar deste sentimento, é possível perceber como este fato se relaciona com sua vivência das ruas. Passar a viver em um novo lugar, o afastamento do convívio familiar, novas regras sociais que podem ser hostis, se tornam um conjunto de situações que modificam o mundo dos sujeitos e sua percepção da vida e de si mesmos, o que também impacta suas possibilidades de superação da situação de rua (VILLA et al, 2017).

Ainda percorrendo pela história de Girassol, ela fala sobre as questões e diferenças que surgem quando se fala em mulheres e homens em situação de rua. O exemplo que ela traz para falar disso é de seu ex-relacionamento da época em que passou a viver em situação de rua. Ela traz que “ele tinha a casa dele, tinha o quarto dele, mas ele não gostava de ficar na casa dele. Então, pro homem, vou te dizer assim, ele pode, ele consegue fazer tudo, assim eles pensam.” E nisso, Girassol, e algumas das outras mulheres participantes desta pesquisa apontaram que as maiores vulnerabilidades e riscos aos quais a mulher é exposta, em comparação aos homens, são as diversas formas de violência, estupro e morte, colocando o homem com uma capacidade maior para se defender dos riscos da vida nas ruas. Nesse sentido, Ribeiro e Marcolan (2020), falam desta exposição, principalmente por se tratar de um ambiente majoritariamente masculino e com as relações machistas bem evidentes, o que reafirma o lugar de vulnerabilidade imposto socialmente à mulher, intensificado pelo ambiente das ruas.

Dália traz uma situação em que sofreu espancamento pelo ex-marido, menciona que casos como esses são pouco divulgados e diz: “Foi um caso isolado, você tá sabendo aqui porque eu to te contando...e como aconteceu comigo vários casos também são isolados, mas já pensou se tuuudo isso fosse mostrado no jornal? A população hoje já vive em choque, ela estaria em pânico.”

Quando discutidas as questões que atravessam as vivências de homens e mulheres em situação de rua, o fato de estar em um relacionamento surgiu ora como uma proteção aos riscos da rua, ora como mais um risco a ser enfrentado pelas mulheres. Muitas se submetem a relacionamentos abusivos como uma forma de sobrevivência diante dos perigos das ruas e dessa vulnerabilidade explicitada nos discursos (JORGE; RICCI, 2020). Este fato coloca em discussão as estruturas sociais de violência que, na realidade, têm como fundo as relações sexistas. Homens e mulheres se constituem em uma sociedade que aprendeu a violência como forma de dominação, atrelada à visão patriarcal (HOOKS, 2020), a qual é reproduzida nos mais variados âmbitos relacionais, nas casas, nas instituições, no trabalho, nas ruas.

Falando sobre isso, Tulipa diz que se sente mais segura depois que conheceu seu companheiro, pois ele a protege e que, antes disso, estava bem mais vulnerável. Ao contar como é a relação entre eles, com um olhar que parecia querer dizer algo a mais, falou: “Tem vez que é muito atribulada... Quando ele tá bebendo, usando droga, às vezes, nós briga... ele me bate, me machuca, mas normal. Depois um pede desculpa ao outro, fica de boa”.

Tulipa também diz que sempre que esteve sozinha nas ruas já utilizou de força física e outros meios para se defender e traz que: “Já dei um montão de facada numas quatro pessoas que tavam tentando fazer alguma coisa comigo dormindo. Quase matei dois. Dois ficou com a metade do dedo fora e os outro ficou tudo internado”. Uma atitude semelhante também foi compartilhada por Azaléia, de ter que usar de forças físicas diante de situações de risco.

Um parêntese sobre Tulipa: algo que se diferenciou em sua fala sobre as questões entre homens e mulheres em situação de rua, foi por considerar mais difícil para os homens conseguir

alimentos e roupas ao pedir às pessoas. Além disso, pontua que as mulheres enfrentam de uma forma melhor a situação de rua, por não se colocarem em situações muito arriscadas, de conflitos etc, ao contrário dos homens, pois: “homem quer se sentir mais o poderoso, mais poderoso que o outro, aí não dá certo.”

Enquanto isso, Dália elabora algo ao falar dos riscos nas ruas:

A partir do momento em que você tá dormindo na rua você está sendo visto por todos, mas não está vendo todos, entendeu? A partir do momento que eu deito ali na porta do Centro Pop, eu posso achar que eu tô vendo tudo, mas eu não tô vendo tudo, tem alguém me vendo que eu não estou vendo, pode ter alguém de maldade comigo, eu não sei.

Este tema se complementa com um exemplo trazido por Hortênsia: “Esses meninos de baile de hoje em dia, passar assim e ver um morador de rua dormindo na rua e querer fazer covardia, linchar por ser morador de rua, essas coisas. Tacar pedra, tacar garrafa de cerveja. É tenso”.

Estas falas levam a reflexões e a perguntas: a quem pertencem os corpos nas ruas, quem os protege e como são vistos? Diante de tais relatos pode-se afirmar que os sujeitos em situação de rua não se encontram invisíveis aos olhos dos demais, apesar de serem invisibilizados socialmente, e isso faz com que haja uma vigilância constante destes corpos, instaurando um controle pelo medo do que pode vir a acontecer (RODRIGUES; DELGADO, VALLE, 2019).

Sendo assim, é importante dialogar sobre as percepções e estratégias dessas mulheres ao estarem em situação de rua. A princípio, Girassol diz que não costuma pensar sobre, ‘para que não fique com aquilo na cabeça, mas, às vezes é preciso encarar a realidade’. Como uma forma de encarar a situação chocante de viver nas ruas, busca não se envolver em confusão, assim como trazido por Azaléa que, com toda sua experiência, hoje se sente mais segura andando com pessoas mais idosas ou casais, pois acredita haver um risco menor. Com suas experiências, diz que “a parte ruim do mundo tá toda a noite na rua, tudo de ruim tá na rua. Então, muitas pessoas más, pessoas com maldade. Já vi muitas pessoas morrerem na minha frente, muita covardia, muita coisa”. Uma estratégia de Azaleia, para se proteger, é não mostrar seu lado bom para todo mundo, para que não se aproveitem disso: “Já fiz já umas coisinhas na rua, uma maldade com alguns assim que... então ninguém mexe comigo”.

Enquanto isso, outras falas dizem das dificuldades quando chove, quando não há lugar para dormir, da fome, e como isso é pensado para além do âmbito individual. Dália diz que hoje o local que consegue alimentação é no Centro pop, porém em outros casos

[...] andar, assim, em bairro de classe média, como Jardim da Penha e Jardim Camburi, onde as pessoas às vezes jogam até algumas coisas boas fora, entendeu? Assim, dá pra você reaproveitar o alimento, entendeu? Porque ali o lixo, ele é descartado todos os dias, não é assim igual comunidade, basicamente de três em três dias. Na área nobre todo dia tem o descarte do lixo, então, tipo assim, às vezes isso ajuda, às vezes não. Ou então, passando as noites também nas praças, onde tem food trucks assim, joga o resto, assim, sabe? Então tipo assim, é o que às vezes quebra o galho sabe

Além disso, traz que, antes de receber o auxílio financeiro, "Tinha que meter a mão no lixo, catar ferro, material reciclável. Mas em questão de roupa, essas coisas, tudo é doação.”

O estudo realizado por Villa e outros (2017) demonstra alguns dados em relação aos trabalhos informais, que grande parte das mulheres em situação de rua realizam para obter algum tipo de renda. Entre eles foi citado a ocupação de catadora de materiais recicláveis, além de outras como a prostituição, panfletagem etc.

Hortênsia, que hoje passa as noites em um abrigo noturno, fala que a experiência “Agora tá boa, é bom, mas só que eu fico pensando nos meus amigos que tá aqui fora. É muito triste”. Assim é possível perceber a importância das relações formadas e transformadas na vida das ruas, e como as amizades, amores, e demais laços afetivos também surgem como forma de cuidado e preocupação entre os sujeitos, construindo a forma como se vêem nesta situação (OLIVEIRA, 2012). Isso pode ser percebido quando Dália fala que vê pontos positivos e negativos neste sentimento de estar nas ruas e diz que “O bom é que nem sempre a gente tá sozinho, a gente tem nossas amizades”.

Assim, as vivências de mulheres nas ruas passam por muitos caminhos e relações, tendo seus encontros marcados por transformações no mundo do sujeito e nas formas de produção de vida nestes ambientes.

4.3 QUEM ME VÊ? QUEM ME ESCUTA?

No ir e vir cotidiano cruzam-se passos e olhares com um mundo além, mas que também nos compõe. Nesse sentido, é importante escutar a forma com que tais olhares influenciam em vivências pessoais. Quando estas trocas são direcionadas às mulheres em situação de rua há uma abertura ainda maior aos olhares, por muitas vezes estigmatizantes e constituídos em uma estrutura social de desigualdade. De acordo com Esmeraldo e Ximenes (2022), a vivência nas ruas expõe as vidas privadas que passam a compor um espaço que está sob o olhar constante da sociedade, numa relação que se encontra entre a negligência de invisibilidades e a produção de incômodos por seu modo de estar no mundo.

Trazer para discussão o sentimento das mulheres em relação a esses olhares que a sociedade lança sobre elas é pensar os reflexos nestes sujeitos e as formas que elaboram sua existência em torno disso.

Em determinado momento, Girassol trouxe o quanto a cidade e todo seu movimento a assusta. Porém, quando é perguntada sobre como se sente vista pela sociedade, ela diz: “eu não ligo nem pra sociedade, eu não quero saber o que a sociedade tá falando de mim, mesmo eu estando em situação de rua. Porque se eu estivesse dentro de uma casa, a sociedade poderia estar me olhando do mesmo jeito. Eu não escuto a sociedade, eu escuto mais eu mesma”. Nesse mesmo sentido, Tulipa também traz sua percepção de que “Ah, eu não reparo não [...] ninguém me dá nada, porque ia tá falando da minha vida?”. A partir disso, pode-se entender o que surge como estratégia nestes enfrentamentos diante de tantas visões preconceituosas voltadas à população em situação de rua. Existem impactos e influências geradas por essa visão, que tocam na forma que essas mulheres se veem e reconhecem seu valor (NARDES; GIONGO, 2021), apesar dos olhares sociais que ainda persistem em colocá-las em uma posição, como traz Azaléa, “como a escória” da sociedade. Azaléa diz, ainda, que estas visões já a afetaram muito e que hoje em dia nem tanto e, como justificativa para essa mudança de percepção, fala de suas experiências de vida, trazendo que quando “vai envelhecendo vai pensando diferente”.

Ao mesmo tempo, esta naturalização é uma grande problemática, pois os discursos referindo-se às pessoas em situação de rua ainda giram em torno de estigmas, demarcando uma cultura de dominação e certa conformidade com estas formas de tratamento, o que se intensifica quando o fator gênero atravessa essa discussão (ESMERALDO; XIMENES, 2022). Tulipa demonstra indignação quando fala que “a maioria das pessoas pensam que a gente tá na rua, mas é mulher de programa”. E é de se pensar o quanto este fato fala de um olhar que generaliza, tanto por

enxergar estas mulheres apenas desta forma, quanto por olhar para o ser “mulher de programa” também de forma preconceituosa, sendo que, em alguns casos, é uma possibilidade de renda, um trabalho.

Seguindo nas construções que as mulheres fizeram a respeito destas percepções, nota-se na fala de Dália, como é um pouco desse sentir:

Lógico que machuca, fere, lógico, por mais que a gente não fala nada, mas... Acho que por esse motivo que muitas vezes joga tudo pro alto e fala ‘Ah já que é pra me tratar como bandido, como ladrão, então eu vou ser bandido, vou ser ladrão mesmo’. Porque não tem nada a perder, já perdeu a família, já perdeu tudo, já...

Além disso, Azaléa diz: “[...] você se sente mal, a pessoa te olhando com desprezo, sei lá...se sente mal. Às vezes não precisa falar nada, só o modo de te olhar, já te machuca”. Outro exemplo vem na fala trazida por Hortênsia: “Já vi gente, já, de eu passar assim do lado e passar três metros de mim, porque eu tava com uma coberta nas costas. Atravessava a rua”. E o cruzar com ações como estas em seu caminho a afeta, o que aparece ao dizer ao final: “Que a gente são ser humano que nem todo mundo, só não tem o local pra morar. É triste”.

Ao falar desta condição de humanidade, Carneiro (2011), discute tais concepções e questões sociais que consideram certos humanos como mais ou menos humanos que os outros, evidenciando processos que os afastam da posição de sujeitos de direitos, reafirmando as desigualdades que vivem em sua história e em seu cotidiano.

Muitos destes estigmas acabam gerando uma culpabilização destas mulheres, que se veem como únicas responsáveis por estarem em situação de rua e pela superação dessa condição, desconsiderando tantos fatores sociais que influenciam nestes processos, de responsabilidade coletiva (ESMERALDO; XIMENES, 2022).

Tulipa, por exemplo, diz: “Ah, eu me sinto como um lixo né, eu que escolhi né, era pra mim tá agora com a minha filha”. E diante de tantas questões, traz uma crítica muito potente, principalmente para se pensar quais os sentidos destes olhares: “Deito na frente de todo mundo mesmo. Eu falo, se alguém tiver olhando demais, ‘Então, dá ajuda aí’. Quem olha demais tem que ajudar”. O que, de certa forma dá sentido à discussão feita por Rodrigues, Delgado e Valle (2019), que trazem o fato de que a população em situação de rua não está invisível aos olhos da cidade, mas que, diante dos incômodos, estigmas e preconceitos, é comum que existam desvios de olhares, da direção em que se caminha, de valores humanos, o que se mostra muito mais prático do que pensar ações e políticas que de fato garantam a dignidade desses sujeitos. É essa atitude, de desvio do olhar frente ao que é visível, é visto, e incomoda, que resulta na invisibilização e silenciamento dessas vozes que clamam por direitos.

Quando se coloca em discussão o fato de sair desse lugar, de apenas observar, para o lugar do agir, há de se falar das políticas que hoje escutam essa população. Partindo dos princípios da Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPSR), entende-se o quanto o respeito à dignidade, à cidadania, à vida, bem como a compreensão das singularidades que compõem esta condição social, são pautas fundamentais para que as ações sejam construídas, sobretudo com igualdade e equidade (BRASIL, 2009).

Durante os encontros com as mulheres, surgiram algumas discussões a respeito destes cuidados com a população em situação de rua, dentre eles o acesso aos equipamentos. As discussões se deram principalmente em torno da política de assistência, pois naquele contexto, estando nos espaços do Centro Pop, era o que mais atravessava a todas. Assim foram surgindo lugares pelos

quais as mulheres transitavam, como dito o Centro pop, e além deste, os Abrigos noturnos e 24h, o CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), o CRAS (Centro de Referência da Assistência Social), bem como equipamentos das políticas de saúde, como os Caps (Centro de Atenção Psicossocial), a URS (Unidade Regional de Saúde).

Sobre o acesso, a permanência e os cuidados dentro desses espaços. Tulipa fala de como convive no Centro pop, e da influência que tem quando fala do uso de SPA: “Essa hora agora, se eu não tivesse no Centro pop, tava bêba. Bêba ou drogada, um dos dois”. O mesmo é dito por Azaléa, que fala de uma situação em que seu acesso foi suspenso por sete dias, “Então, esses sete dias de suspensão deu pra ver que isso aqui é muita coisa, e se não tivesse ele hoje, eu estaria aonde? Na rua, sentada na marquise, me drogando, porque é só isso que tem rua: droga. Nada de bom”.

Azaléa reconhece, assim, muita potência no Centro pop e o quanto este tem sido um espaço de transformação em sua trajetória. Perguntada sobre como foi o início deste acesso, traz que ficava próximo a um local em que se drogava: “A gente se drogava e via lá entrando dentro do pop. [...] Já comecei a frequentar ali”. E diz ter começado a frequentar porque “a gente começa a se drogar, se drogar, a fome vem, quer descansar. Aí se drogava a noite toda, se prostituía a noite, aí então, de manhã cedo aquele cansaço, e a gente ia lá, tomar um café da manhã, um banho, um almoço garantido”. E, nesse sentido, dizem também sobre o acompanhamento, as atividades realizadas e outras relações que possuem no espaço, enquanto local de direito e promoção de emancipação social.

Existem algumas dificuldades que são mencionadas, como a permanência em abrigos ou a adesão a encaminhamentos, até mesmo, em alguns casos, pelo entendimento que se tem a respeito dos procedimentos, como por exemplo traçar planos, junto aos cuidados diante do uso de SPA's, para a redução de danos e continuidade em acompanhamentos no Caps. Sobre a permanência em abrigo, Dália conta sua experiência quando esteve em um destes: “A maior dificuldade que eu tive mesmo foi aprender a lidar com o público que tem naquele abrigo ali. O público ali é um público idoso, um público 65 ou mais, então fica meio difícil, que é um público que tem o pensamento totalmente diferente de você”.

Ficou claro que, em relação às vagas em abrigo, estas são poucas diante das demandas existentes. Os relatos mostram a importância das ações destes equipamentos das políticas públicas na produção de vidas dignas, como diz Hortênsia, que fala de mudanças em sua vida por estar em um abrigo e que outras pessoas também precisam ter esse direito garantido.

No sentido de melhorias no cuidado com as mulheres em situação de rua, foi trazido por Azaléa e Tulipa que existem muitas mudanças a serem feitas, e Azaléa diz: “Acho que as leis em si teriam que mudar, não só o cuidado, o governo procurar fazer leis que funcionem. Porque fazer leis que não funcionem não vale de nada. Igual a Maria da Penha. É muito bom, é uma lei que chegou e tá tendo resultado”. Assim como Dália que diz: “Será que a prefeitura não poderia estar com estratégias, políticas, para mulheres que já vivenciaram violência de rua? Ter um local específico pra isso e ‘tals’?”. Em outro momento fala das políticas de educação, como a oportunidade de cursos e demais atividades que somariam na formação profissional, o que amplia a visão, pensando na integralidade do cuidado nestes contextos. Dessa maneira, Tulipa pensa neste cuidado também no âmbito das relações e diz que é necessário “respeito em primeiro lugar”.

Retomando o âmbito das singularidades, Dália diz:

É legal vocês trazerem palestra pra gente? É legal, mas eu acho que cada um tinha que ter um momento mais particular igual eu tô tendo com você agora, nesse momento, onde eu posso me abrir. Porque eu não vou me abrir dessa forma ali no meio de todo mundo, não me sinto bem, pode ter gente que pode se sentir bem assim e se abrir, mas às vezes as pessoas precisam de um momento de particularidade, entendeu? Um momento onde elas possam desabafar, se abrir e, a partir daí, cada um começar a entender, pelo menos tentar entender um pouquinho.

Durante as vivências de pesquisa e de composição deste espaço, foi possível perceber o que é falado por Dália, e refletir sobre o quanto dos processos individuais encontram espaço para serem escutados. A atuação junto a população em situação de rua, pensando o papel da psicologia, tem como base a escuta, o vínculo e o acolhimento dos usuários e das questões que o atravessam, levando em consideração os processos sociais vividos e os sofrimentos ético-políticos que se entrelaçam nas singularidades (SAWAIA; PEREIRA; SANTOS, 2018). Porém, entende-se que a discussão foi mais na abordagem da assistência, área na qual se diferencia de aspectos mais individuais de uma abordagem clínica, apesar de também haver esta compreensão da importância da escuta e do vínculo. Por isso é importante pensar nesse cuidado integral e em rede, pois há uma complexidade evidente de questões sociais quando se fala na atenção à população em situação de rua, neste caso às mulheres. Retomando as discussões de Sawaia (2014), sobre as exclusões vividas por essa população, é preciso elaborar este cuidado para além de pensar que não há justificativa para se escutar as emoções e sentimentos quando a questão é a fome, ou olhar apenas para a necessidade de sobrevivência desses sujeitos, mas entender que deve haver um trabalho em conjunto dessas questões. Neste sentido, faz valer uma ampliação do acesso à escuta destes sentimentos e particularidades expressados por Dália, elaborando estratégias na rede para acolher estas demandas de cuidado, principalmente em se tratando do público feminino, que é atravessado por tantos outros processos. Cuidar deste aspecto, mais subjetivo e singular, também significa fortalecer a busca pela garantia de direitos.

4.4 (TRANS)FORMANDO OS ENCONTROS: VOZES TRANS QUE ECOAM

As diversas trocas da pesquisa ampliam muitas construções, transformam muitos encontros e é o que esta imersão em realidades tão distintas têm causado no autor desta pesquisa, uma vez que estas realidades passam também a me atravessar enquanto ser humano. Esta processualidade proporcionada pelos encontros fez com que os caminhos da pesquisa se cruzassem com as trajetórias de Girassol, Azaléa, Dália e Hortênsia, mulheres trans e travesti que hoje vivem em situação de rua e que têm forte presença no Centro pop.

Ao rever o tempo passado neste campo, nem sempre como pesquisadora, mas também como estagiária, foi possível observar e conhecer estas participantes a partir de uma maior convivência que, inclusive, foi uma das trocas mais próximas neste período. Talvez, pela construção desse vínculo, das cinco mulheres que participaram de determinada etapa da pesquisa, quatro delas foram mulheres que se identificam como trans ou travesti. Compreender o quanto essas vozes ecoam nestes espaços é olhar para o que elas representam e os processos cotidianos que vivenciam. Como quando Girassol diz que gosta de estar com algumas pessoas e fazer elas rirem ou quando fala sobre como está sua vida atualmente, contando de suas estratégias para esquecer um pouco das partes ruins como “[...] autoestima né?! Autoestima, esses negócios assim... Então, pra mim tá bom e tá ruim algumas partes”. Essa presença é bem marcada também por Azaléa, que sempre fala que em todo canto as pessoas a conhecem, e fala de um lugar cheio de experiências, aos 40 anos de idade, o que já faz do seu corpo uma

resistência, tendo em vista a expectativa de vida da população trans que é de 35 anos de idade (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019). Um lugar que vai muito além das ruas de uma cidade só. Ela conheceu outros lugares do mundo em suas viagens para fora do Brasil e colocou isso de uma forma que a fez conhecer melhor a si mesma. Hoje fala de sua rede de apoio, de suas vivências no Centro Pop e no abrigo, de seu relacionamento, entre tantas outras expressões de vida. Atualmente está namorando, o que tem trazido como um apoio para enfrentar a situação de rua.

Hortênsia também fala de como tem sido sua experiência com o relacionamento atual, e fala sempre com empolgação, um pouco tímida também, mas diz que “[...] pra mim tá sendo maravilhoso. Porque seis anos atrás já tive caso com uma pessoa, aí eu fui me desacostumei com isso, aí fui e voltei agora, aí eu tô voltando ter esse costume de mulher casada”.

E isso faz retomar os vínculos e relações que passam a ter significado nas ruas. Mendes, Jorge e Pilecco (2019) falam dessa rede de solidariedade entre a população trans nas ruas, nos serviços e demais espaços onde transitam, sendo uma potente estratégia de cuidados neste contexto.

Compreendendo o que atravessa a vida nas ruas, vivenciada por mulheres trans e travestis, é possível falar também dos desafios que são enfrentados, demarcados por posições que, perante a sociedade, estão em vulnerabilidade. Tais condições são estabelecidas tanto pela situação de rua, quanto pelas questões de identidade de gênero e orientação sexual, que resultam em inúmeros processos de exclusão social (MENDES; JORGE; PILECCO, 2019). Quando falo com Dália a respeito da permanência nas ruas, ela diz:

Ai amiga, eu acho que já por eu ser travesti, eu acho que isso já dificulta mais ainda as coisas, porque sabe que já existe o preconceito por orientação sexual, aí já vem o preconceito pela situação que a pessoa está vivendo. Porque, você sabe que no Brasil ainda... como se diz?... não é preconceito financeiro, não tô lembrando a palavra, mas sabe, assim, mais ou menos a diferença...A desigualdade social, entendeu?”

E em determinado momento fala de como acha importante um espaço para falar de suas vivências como mulher em situação de rua

Ah, eu gosto quando as pessoas se interessam em saber como a gente vive, entendeu? Porque muitas pessoas olham e falam ‘Ah isso aí é safadeza’. Não entende como que é, ‘Tá assim de safadeza, tem que tomar vergonha na cara’, mas não é. Ainda mais com a gente que é travesti, que é pior ainda, que às vezes a gente sofre preconceito dos próprios moradores de rua.

Em relação a este último ponto trazido por Dália, ao falar dos preconceitos dos próprios “moradores de rua”, demonstra mais uma das violências vivenciadas, que reflete a sociedade como um todo em relação aos estigmas e preconceitos depositados sobre as mulheres trans e travestis (MENDES; JORGE; PILECCO, 2019). Trabalhar este ponto tem sido uma demanda observada dentro do próprio serviço, que percebeu a necessidade de pensar estratégias de como abordar estas temáticas junto aos usuários, bem como, políticas que se atentem à população LGBTQIA+ em situação de rua.

Muitas realidades são trazidas pelas vivências trans, inclusive os riscos enfrentados no cotidiano nas ruas. Existem alguns preconceitos que ligam diretamente mulheres trans e travestis à prostituição, o que nem sempre é o que acontece. Mas, em alguns casos, a prostituição é uma das possibilidades de se obter uma renda ao estar nas ruas. Azaléa diz que já passou por situações arriscadas com clientes: “Ele combinou comigo um preço e falou que não ia pagar. Aí eu falei ‘Vai pagar sim’, ‘Vou pagar quando eu tiver desovando seu corpo em Jacaraípe’, aí

eu peguei o canivete e dei cinco facadas nele”. Nesse caso, Azaléa se defendeu como pôde, o que também gerou outras consequências em sua vida.

No caso de Hortênsia, ela traz a influência de um dos clientes no uso de crack, o que desvelou outras situações em sua vida, pois seus pais descobrem esse uso e, daí em diante, passa a viver nas ruas: “Aí o preconceito deles se tornou maior né, porque eu sou trans”. Este fato revela alguns vínculos familiares fragilizados que muitas vezes não permitem que se aceite os corpos trans, o que pra muitas é o motivo direto de estarem em situação de rua (MENDES; JORGE; PILECCO, 2019). A construção social diante das mulheres trans e travestis têm grandes influências dos padrões heteronormativos, que impactam nos modos como tais sujeitos se veem. Chama muita atenção quando Hortênsia, sobre as questões entre mulheres e homens em situação de rua, diz: “Um homem tem como se defender. Agora a mulher não tem como, mulher, mulher mesmo.” O fato de falar “mulher mesmo”, parece expressar um sentimento de que ela não seria uma “mulher mesmo”, cabendo pensar o quanto estes corpos estão sendo validados e como se sentem em relação a isso. Dália, sempre expressiva e com discursos bem críticos, fala em relação a esse sentimento de ser uma travesti sob o olhar do outro e de como algumas situações têm influências nesse olhar:

Machuca demais, por mais que às vezes as pessoas não falam, mas você se sente uma mulher poxa, por isso que você é assim. Se você não se sentisse uma mulher... igual você mesma, se você se sentir um rapazinho, você vai começar a usar sunguinha porque você não se sente bem se vestindo de calcinha, você não se sente bem de sutiã, entendeu? Agora, poxa, as pessoas ficarem vindo dar opinião na sua vida, falando um monte de coisa?! Ah não, isso machuca demais. E eu, desde criança eu sempre me senti assim, bem assim, entendeu? Isso aconteceu comigo [referindo-se a um espancamento], chegou no hospital, a médica teve que raspar minha cabeça pra poder dá ponto, pro ponto pegar, não infeccionar, porque tem que fazer a assepsia do local, tudo certinho, mas isso acabou muito com a minha autoestima tá, tinha um cabelão.

Voices trans vão buscando locais para serem escutadas e validadas. No serviço em que essas vivências ocorreram, há um movimento de cuidados e parcerias voltadas para a população trans, o que fala desse lugar de escuta e validação destes corpos. Assim, é fundamental que nos debates e construções das políticas sejam pautados os recortes, de gênero, classe e raça, a fim de ampliar os cuidados que se tem com essa população. O que também deve estender-se para à capacitação de profissionais para lidarem com as demandas a serem atendidas para que, de fato, estes sujeitos sejam incluídos e integrados em uma sociedade de direito (MENDES; JORGE; PILECCO, 2019).

4.5 O MUNDO NÃO GIRA SÓ EM TORNO DISSO AQUI

Os tantos pontos abordados com relação a estas trajetórias, se cruzam, e tantos desses não falam apenas de uma vida nas ruas ou das visões que são depositadas sobre as mulheres que vivenciam esta situação. Estes pontos falam dos processos, do devir, e de como essas vidas vêm sendo produzidas e atravessadas por contextos e cotidianos. Isso fica muito claro quando se escuta sobre as viagens de Azaléa que, inclusive, traz a fala que nomeia este ponto de discussão dizendo: “Você conhecer cultura de outro lugar é uma coisa esplêndida, você aprende muito. Igual eu falo, eu hoje sei que o mundo não gira só em torno disso aqui, o mundo é enorme, imenso.” A forma que isso é dito afeta bastante esta pesquisadora. Ela segue falando de suas

referências musicais, pontos turísticos, famosos, que passam por estes locais. Espanha. França. Suíça. Itália. Desejos de conhecer outros lugares. E, nesse movimento, me foi guiando por muitos caminhos, permitindo conhecer culturas e locais. Aos poucos também se deixa conhecer mais e deixa claro que o mundo realmente não gira só em torno de onde estamos, ou da situação que se vive no momento.

Dessa mesma forma, Hortênsia fala de uma aventura que viveu em uma viagem para um estado vizinho, falando com entusiasmo desse momento, até mesmo das dificuldades que passou com a ida. Hortênsia vive um momento muito interessante, que aparece com frequência nestes encontros, relativo a seu atual relacionamento. Logo de imediato, quando perguntada sobre como está a vida, fala: “Agora, que eu tô num abrigo noturno, agora tá começando a melhorar. Conheci um pessoal que tá me ajudando, aí ele fez esse negócio aí, do auxílio né?! Aí vai começar agora receber. Aí nós tão com planejo de alugar uma casa”. Ou quando fala do apoio dele para diminuir o uso de SPA, e como isso surge também em um grupo de mulheres que existe no serviço, no qual, em um dos encontros, houve uma reflexão em torno de algumas palavras e ela escolhe a palavra “amor”, trazendo estes pontos de forma sorridente e esperançosa.

E tantas experiências, sonhos e desejos seguem surgindo. Tulipa diz: “Meu desejo é ter minha filha né?! Expectativa pra mim, eu quero ter uma casa, um lar, mas em nome de Jesus eu vou conseguir, só esperar [seu companheiro] tirar a identidade dele, a certidão dele chegar, e nós cai pra dentro de casa, aí já era”. E, como as relações vêm sendo ressignificadas, claro que nos movimentos que são possíveis, menciona: “Eu, se eu fosse voltar no passado, eu não deixava ela não. quando ela nasceu... por causa de droga, não...Eu cuidei dela até os nove meses, aí eu vi que não tava dando pra mim... Eu deixei com a minha tia, porque eu não ia levar minha filha pra rua, né?!”. E isso surge como um pensar nos trajetos, e a partir daí, entender suas experiências como uma forma de impulsionar os caminhos que ainda serão percorridos. Tulipa ainda traz seu gosto pela arte, e como isso “Ajuda a distrair a mente”, que inclusive estava pintando alguns riscos durante a conversa, mas que também o faz em outros momentos no Centro pop, sempre presente nas pinturas de quadros entre outras.

Falando de arte, Azaléa traz, também, sobre os momentos que já participou, das oficinas de pintura, e de como gosta de se expressar dessa forma. “Eu gosto muito, tira o foco da gente de negócio de drogas e essas coisas. Fiz também o da madeira, que era um quadro que talhava, eu fiz e dei até pra Izaura de presente...Levou pra lá e colocou na sala dela”. Hoje fala do seu objetivo de fazer um curso, e já vem fazendo ações que possibilitem a realização do mesmo, pois fala da possibilidade de uma oportunidade de emprego que contribuiria para “sair de vez” da rua. “A expectativa é fazer esse curso, arrumar um serviço, uma casinha, sair da rua”.

Dália também apresenta muitas experiências, e diz do quanto sempre estudou e de como estes sonhos ainda estão presentes.

Amiga, eu sempre fui uma pessoa muito dedicada na escola, sempre gostei muito de estudar, era meu sonho fazer assim... Pra mim existem várias áreas que, se eu fizesse, pra mim seria maravilhoso, mas eu não gosto muito da área de exatas, mas da área de biomédicas, assim, sabe? Jurídica eu acho muito interessante, muito legal, sabe? Eu ainda tenho esperança de um dia ainda concluir um bacharel e atuar. Eu acho que tudo na vida da gente serve de experiência, de testemunho. Hoje eu tô aqui, ninguém sabe daqui a cinco anos, se eu posso tá sentada numa advocacia, entendeu? Bacharel em direito, com a carteirinha da OAB. Ou posso tá num hospital, com registro do

COREN, Conselho Regional de Enfermagem, só Deus sabe. Mas eu sempre gostei muito, assim, já fiz teatro pela Fames, iniciação teatral pela FAFI...

Fala destas experiências no teatro, e que, além disso, “Já fiz atendente de farmácia no Sebrae, tava fazendo enfermagem... Mas, infelizmente a vida da gente é tipo roda gigante, um dia nós tão em cima, outro dia nós tão embaixo, e assim a vida vai”. E assim segue traçando seus caminhos, nestas formas de estar no mundo, olhando de forma crítica para algumas realidades e esperando o girar da roda gigante. E Girassol, para compor os sonhos, fala:

Sonho né, não vou falar que é uma coisa que possa acontecer, mas pode acontecer sim... Mas a única coisa que eu penso mesmo é dar um jeito de parar de se drogar, de se prostituir, é uma coisa que eu quero pra mim... Mas eu vejo que não é agora que eu tenho que parar, porque eu não tô num lugar apropriado pra fazer isso... E o meu sonho mesmo é ir morar com a minha mãe... Minha mãe tá muito longe, então minha vontade mesmo é sair desse lugar e voltar pra ela. Eu acho que se minha mãe estivesse no Brasil, lá em Belo Horizonte, eu acho que eu não estaria em situação de rua, eu penso sempre assim.

Nesse acompanhamento de processos de vidas, chega o aviso de que Girassol queria contar algo, que era uma surpresa. Infelizmente não houve chance de novo encontro, porém a novidade era que ela havia conseguido alugar uma casa e que estava muito feliz com isso. Assim como Tulipa, que também seguiu com o que já vinha planejando, e, junto do seu parceiro, estava no processo de saída das ruas, e já haviam alugado uma casa. É muito marcante observar esses caminhos, perceber que há muito o que ser feito, muitos apoios e direitos a serem estabelecidos. O viver nas ruas é marcado por tantas desigualdades, que quando existem estas mudanças, surgem esperanças de que outros sujeitos também possam conseguir avançar em seus processos e planos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante perceber como os processos vão se modificando no decorrer dos percursos, tanto na forma de estar no campo como pesquisadora, quanto nas vivências das pessoas que foram ouvidas e que permitiram esta convivência. A proposta do título dessa pesquisa, com a ideia de “Vozes na Rua”, teve o intuito de que esta pesquisa, com estes encontros, fosse uma abertura e uma forma das mulheres se expressarem, falando de suas vivências a partir de suas vozes tão presentes e potentes.

Por um lado, escutar as mulheres em situação de rua fala de inúmeros processos de exclusão social, que se constituem a partir de lugares que têm grandes marcas das desigualdades, o de mulher e o de pessoa em situação de rua. O recorte de gênero dispara a discussão diante da construção do ser-mulher no decorrer da história, numa sociedade com ideais patriarcais que refletem no olhar para a mulher como objeto de dominação, gerando violências em suas mais diversas formas. E a mulher em situação de rua recebe esse olhar que se intensifica nas vulnerabilidades, estigmas e preconceitos da sociedade em relação ao viver em situação de rua.

É preciso que se escute muito mais dessas mulheres, pois, para além da situação de rua, há uma vida que é produzida a cada passo dado, seja em suas histórias, seja nos seus modos de viver, de ser, de amar, e tantas outras falas que surgem nestes contextos. Ao estar no Centro pop e acompanhar o cotidiano vivido por Girassol, Tulipa, Azaléa, Dália, Hortênsia e também das demais mulheres com que de alguma forma houve contato neste campo de pesquisa, foi possível compreender parte de um todo que compõe suas vivências, além das relações que surgem entre

cada história que é contada e vivida. A partir desta aproximação, foram feitas algumas observações a respeito de aspectos psicossociais envolvidos e de como as falas eram trazidas como potencialidades, estratégias, dificuldades e afetações. Além disso, foi possível compreender suas relações com as políticas públicas, principalmente as políticas de assistência, tendo em vista a inserção em um equipamento desta.

Desta forma, entende-se que é necessário um olhar mais aproximado para as mulheres em situação de rua, assim como estratégias que sejam capazes de escutar demandas que são específicas deste público, garantindo o cuidado integral a partir de um trabalho em rede, no qual estejam mais presentes políticas da saúde e da assistência em conjunto. O suporte necessário passa por mais vagas em abrigos, mais informações dos processos de cuidado em saúde, mais possibilidades de um processo formativo que auxilie na busca por empregos, olhar para as singularidades, e tantas outras formas de dar lugar e acolher essas mulheres. Ainda nessas elaborações das políticas públicas, é fundamental que haja uma atenção às questões financeiras e de moradia, pois são questões bem marcantes nos desejos e expectativas desses sujeitos.

Outro ponto é em relação às políticas voltadas à população Trans, e LGBTQIA+ em geral, que vivem em situação de rua, pois, em muitos casos, são percebidos poucos olhares para esta população de forma singular, o que pode influenciar na forma com que enfrentam a situação de rua ou na maneira como constroem sua representatividade, até mesmo junto aos demais usuários.

Diante disso, é possível entender a importância de se enxergar a mulher em situação de rua por inteiro, muito mais que sofrimentos e cicatrizes, mas possibilitar que essas vozes ecoem e expressem seus valores, seus desejos, suas expectativas e, principalmente, sejam vistas como sujeitos de direito. Finalizamos com um trecho da música AmarElo, de Emicida, com participação de Pablo Vittar e Majur, música que em algum momento se encontrou com as composições desta pesquisa e que traz esse grito de quem quer falar e quer existir. Um olhar sobre vivências.

*Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui*

*Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí*

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar um pouco de bom que vivi*

*Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir.*

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny e PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; Escóssia, Liliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020, p. 131-249.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In.: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 52-75.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs). **Dossiê**: assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018. Brasília: Distrito Drag. Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA/Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), 2019.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 7.053**, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências, 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm>. Acesso em: 28 abr. 2022.

_____. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética profissional dos Psicólogos**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia - CFP, 2014.

_____. **Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado para população em Situação de Rua – Centro Pop**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, 2011. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_centro_pop.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA MINAS GERAIS. **Psicologia e a população em situação de rua: novas propostas, velhos desafios**. Belo Horizonte: CRP-MG, 2015. Disponível em: <<https://redeassocialpg.files.wordpress.com/2016/01/a-psicologia-e-a-populac3a7c3a3o-de-rua.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

ESMERALDO, Andréa Ferreira Lima; XIMENES, Verônica Moraes. Mulheres em Situação de Rua: Implicações Psicossociais de Estigmas e Preconceitos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 42, e235503, p. 1-15, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/KLwKD3dMyJq6g95Xz5wBvgH/>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir; SALES, Rita de Cássia Martins; SOARES, Gabriela Pinheiro. Modos de viver e fazer arte de pessoas em situação de rua. **Estudos de Psicologia** (Natal) [online]. v. 21, n. 1, p. 46-57, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/KFVvr4t4pQyzcYBmJxVWwtP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 03 Out 2022.

GAMEIRO, Nathália. **População em situação de rua aumentou durante a pandemia**. Fiocruz Brasília. Reportagem publicada em 8 de junho de 2021. Disponível em: <<https://www.fiocruzbrasil.org.br/populacao-em-situacao-de-rua-aumentou-durante-a-pandemia/>>. Acesso em 20 Nov 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo Atlas, 2002.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

JORGE, Caroline Ferreira; RICCI, Éllen Cristina. Mulheres em situação de rua: uma perspectiva de cuidado singularizado, territorial e intersetorial. **Revista de Psicologia da Unesp**, v. 19, n. especial, p. 81-101, 2020.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442020000200005>. Acesso em: 05 abr. 2022.

MENDES, Lindalva Guimarães; JORGE, Alzira Oliveira e PILECCO, Flávia Bulegon. Proteção social e produção do cuidado a travestis e a mulheres trans em situação de rua no município de Belo Horizonte (MG). **Saúde em Debate [online]**, v. 43, n. spe8, p. 107-119, 2019. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/CxwhB3Gr5ZQfV3CySb3CFwg/?lang=pt#>>. Acesso em: 05 Set. 2022

NARDES, Scarleth; GIONGO, Carmem Regina. Mulheres em situação de rua: memórias, cotidiano e acesso às políticas públicas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, p.1-13, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/ZR3svtmGxS4MzrRfMQw6TNt/?lang=pt>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

NATALINO, Marco. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil**. Brasília: Ipea, 2016. (Texto para Discussão, n. 2246).

NATALINO, Marco. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020)**. Brasília: Ipea (Nota Técnica nº 73), jun 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf>. Acesso em: 13 Nov 2022.

OLIVEIRA, Luciano Márcio Freitas de. **Circulação e fixação: o dispositivo de gerenciamento dos moradores de rua em São Carlos e a emergência de uma população**. 2013. 147f. Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Sociologia - Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, São Carlos, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6757>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; Escóssia, Liliana da. APRESENTAÇÃO. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; Escóssia, Liliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 7-16.

PEREIRA, Laura Onisto Machado; MAGALHÃES, Carolina Lobato; LOPES, Camila Montandon Dumont. Gênero e vivências: relação de mulheres em situação de rua com a sexualidade, violência e gravidez. **Conecte-se!** Revista Interdisciplinar de Extensão. v. 5, n. 9, 2021. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/conecte-se/article/view/26285/18390>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

RIBEIRO, Bruna Farias; MARCOLAN, João Fernando. Ser mulher e estar na rua: o sofrimento psíquico de mulheres em situação de rua. **Research, Society and Development**, São Paulo, v. 9, n. 11, p.1-18, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10038>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

ROCHA, Felipe Coura; OLIVEIRA, Pedro Renan Santos de. Psicologia na rua: delineando novas identidades a partir do trabalho com a população em situação de rua. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000100006>. Acesso em: 28 abr. 2022.

RODRIGUES, Igor de Souza; DELGADO, Letícia Paiva; VALLE, Bruno Stigert do. O mito da invisibilidade dos cidadãos em situação de rua. **Revista Abordagens**, João Pessoa, v.1, n.1, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rappgs/article/view/43962/28057>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

SANCHOTENE, Lulla Portillo; ANTONI, Clarissa de; MUNHÓS, Aline Assmann Ruas. MARIA, MARIA: concepções sobre ser mulher em situação de rua. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 146-160, 2019. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/29297>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

SARMENTO, Caroline Silveira. **Gênero na rua: um estudo antropológico com as mulheres em situação de rua em Porto Alegre**. 2018. 91 f. Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de

Bacharela em Ciências Sociais - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/174177>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SAWAIA, Bader B; PEREIRA, Aline; SANTOS, Livia Maria Camilo dos. Psicologia e população em situação de rua: apontamentos sobre a produção científica no Brasil. In.: SAWAIA, Bader B.; ALBUQUERQUE, Renan; BUSARELLO, Flávia R. (Orgs). **Afeto & comum: reflexões sobre a práxis psicossocial**. São Paulo: Alexa Cultural, 2018, p. 101-122. Disponível em: <https://www5.pucsp.br/nexin/livros/2018_08_06_ebook_afeto_comum.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SOUZA, Lídio de. Processos de categorização e identidade: Solidariedade, Exclusão e Violência. In.: SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi Araújo. **Violência e Exclusão: Convivendo com Paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VILLA, Eliana Aparecida, et al. Perfil sociodemográfico de mulheres em situação de rua e a vulnerabilidade para uso de substâncias psicoativas. **Rev. Enferm. UFPE online**, Recife, v. 11 (Supl. 5), p. 2122-31, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/23367>>. Acesso em: 13 Nov 2022.

WEBER LÍLIAN; GRISCI, Carmem Lígia Iochins; PAULON, Simone Mainieri. Cartografia: aproximação metodológica para produção do conhecimento em gestão de pessoas. **Cad. EBAPE.BR**, v. 10, n. 4 2012, p. 856-857. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/6X5LP4TSGkZz3ky8KbXfG5w/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 nov 2022

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1) CARACTERIZAÇÃO DA PARTICIPANTE

Idade:

Escolaridade:

Gênero: () Mulher Trans () Mulher cis () Outros: _____

Período que está em situação de rua:

Região que vive em situação de rua:

Possui algum vínculo familiar:

Possui algum tipo de renda:

2) “Pode me falar de como é/ está sua vida atualmente?”

3) Quais os motivos que te levaram a estar em situação de rua?

4) Quais as questões atuais que influenciam na sua permanência nas ruas?

4) Como é para você estar nas ruas hoje? Que estratégias utiliza para a vida nesta situação?

5) Como você sente ser vista pela sociedade?

6) Você acha que a rua oferece alguma forma de risco? Quais?

7) Em relação aos homens em SR, qual a maior diferença/questão para você ser mulher e estar em situação de rua?

8) Quais equipamentos públicos você acessa ou já acessou (ex: centro pop, abrigos, albergue...)?

9) Há alguma dificuldade no acesso, permanência e cuidados dentro do equipamento?

10) Pode falar um pouco sobre suas experiências, sentimentos, desejos e expectativas?

11) O que você acha que precisa ser melhorado nos cuidados com as mulheres em situação de rua?